

INTERDISCIPLINARIDADE: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO

Vanessa Manozzo¹

Resumo:

A interdisciplinaridade, como princípio pedagógico, tem sido pronunciada como aquela capaz de realizar uma nova forma de educar, a de educar para a dúvida. Entretanto, sua concretização é marcada por muitas contradições, principalmente na questão conceitual e efetivação na escola. Por um lado, não existe uma definição única que contemple toda a grandiosidade deste fenômeno, mas em todas elas encontramos a idéia de uma nova atitude frente ao conhecimento, que confrontada com os aspectos que envolvem a gestão da escola torna a interdisciplinaridade um objetivo difícil de ser alcançado mas não impossível. Por outro lado, nossa relação com o mundo social, natural e cultural aponta para a constatação de um saber fragmentado, historicamente determinado pelos interesses das classes dominantes (detentoras das relações de poder) que ressaltaram, ocultaram ou negaram saberes.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Formação, Postura Pedagógica.

Texto:

A palavra interdisciplinaridade sempre me despertou curiosidade. Em meio a uma família de professores, acompanhei ao longo de alguns anos diversas discussões sobre as mudanças que as reformas educacionais trouxeram e ainda trazem. Foi assim que primeiramente deparei com esta palavra tão comprida e que para mim, naquele momento era misteriosa e indecifrável.

Mais tarde, como acadêmica, pude analisar as propostas educacionais e suas diretrizes e, então, novamente ela: a interdisciplinaridade. Com mais maturidade, pude conhecer mais de sua história e aspectos metodológicos, verificando sua importância no processo ensino-aprendizagem. Porém, foi somente quando comecei a lecionar que despertou em mim a consciência, ainda em formação, da dimensão do ato de educar, principalmente quanto ao seu aspecto humano, enquanto relacionamento entre sujeitos: o sujeito que ensina e o sujeito que aprende. Assim, unindo o propósito de compreender a proposta interdisciplinar e também o de realizar uma monografia de conclusão de curso é que surgiu a idéia de pesquisar este tema.

Com a revisão contemporânea da ciência e as visíveis transformações na sociedade surge uma nova concepção de educação. A idéia é educar para a dúvida, para a contradição. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996) converge para a necessidade de uma reforma em todos os níveis educacionais. Esta mudança nos orienta a confrontar posturas

¹ Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Foz do Iguaçu.
E-mail: vmanozzo@yahoo.com.br

tradicionais dos processos de ensino e aprendizagem com novas orientações teóricas e metodológicas. Destacada das disposições legais como princípio pedagógico, a interdisciplinaridade é considerada o eixo articulador que estrutura as áreas do conhecimento e responsável, dentre outros princípios, pela maior consciência da realidade onde se busca entender o mundo de forma holística, em sua rede infinita de relações, em sua complexidade no que se refere aos fenômenos naturais, sociais e culturais.

Entretanto, há uma grande distância entre o que está proposto nas disposições legais e a prática escolar, cuja superação tem se mostrado um desafio para os profissionais da área. As dificuldades começam pelos equívocos teóricos quanto à abordagem interdisciplinar e sua implementação nas bases curriculares e por conseguinte, são traduzidas na gestão da escola e na postura dos educadores frente a este novo paradigma emergente.

É certo que os educadores enfrentam o desafio de interpretar as dinâmicas sociais atuais e criar modelos pedagógicos adequados que correspondam a essa realidade, porém, mais do que isso, terão que ultrapassar barreiras que se traduzem em sua própria postura frente a essas possibilidades, exigindo de si próprio uma maior conscientização, derrubando preconceitos, questionando fundamentos e sua função no processo de ensino. Como afirma Fazenda (1999), “Além de uma atitude de espírito, a interdisciplinaridade pressupõe um compromisso com a realidade”. Com isso, aos educadores cabe a responsabilidade e a habilidade de assumir seu papel de ator principal da reforma, assegurado pela Lei, e deixar de ser mero executor de programas impostos.

Com isso, recordo-me de dois símbolos que marcaram a história do conhecimento: Sócrates que primeiro colocou a dúvida quando anunciou *conhece-te a ti mesmo* e Descartes que a consolidou quando expôs ao mundo: *Penso, logo existo*. O que com isso quero dizer é que conhecer a si próprio é uma atitude interdisciplinar que nos orienta a conhecer em totalidade quando do conhecimento de mim mesmo vou à procura do outro, do mundo. Por outro lado, com Descartes somos orientados a exercer a dúvida em vez de postergá-la. Assim, acredito que este trabalho nos direciona a uma reflexão interior, levando-nos a questionar sobre nossas práticas enquanto educadores, além de estudar a problemática e origem das incertezas e dúvidas no trato da interdisciplinaridade para, de fato, gerar uma educação que as enfrente. Conforme Fazenda (1994, p. 14) salienta,

[...] qualquer atividade interdisciplinar, seja ela de ensino seja de pesquisa, requer uma imersão teórica nas discussões epistemológicas mais fundamentais e atuais, pois a questão da interdisciplinaridade envolve uma reflexão profunda sobre os impasses vividos pela ciência atualmente.

Assim, elucidar os aspectos mais relevantes do movimento da interdisciplinaridade tais como: origem, compreensão, fundamentos e métodos, e posteriormente, analisar as contradições decorrentes da interdisciplinaridade, acarretará para aqueles que estão envolvidos com a prática pedagógica, uma maior maturidade e conseqüentemente nos levará a uma educação mais dinâmica e realizadora de indivíduos com perfis cada vez mais próximos dos que o mundo requer, com uma nova consciência e atuantes na sociedade em que vive.

Desde a década de 1930, a educação era estruturada por teorias refletidas em modelos de ensino nos quais organizavam as idéias com vinculações numa direção exclusivamente disciplinar. Porém, a limitação dessas teorias impediu uma visão multiperspectival da realidade de uma sala de aula e, como conseqüência, fragilizou a evolução do sistema escolar atual. Com o objetivo de superar essa limitação é que em meados dos anos 60, inicialmente na França e na Itália, a interdisciplinaridade tomou forma de movimento quando surgiram os protestos estudantis que reivindicavam um novo estatuto de universidade e de escola. A princípio, apareceu como um meio de elucidação e de classificação temática das propostas educacionais e posteriormente, se projetou como oposição a todo conhecimento que valorizava as organizações curriculares que evidenciavam a excessiva especialização e toda e qualquer proposta que objetivava a convergência do saber numa única e exclusiva direção.

No Brasil, a preocupação fundamental, inicialmente, era explicitar terminologicamente a palavra interdisciplinaridade a partir de seus elementos constitutivos e conseqüentemente poder explicitá-la, já que este termo trouxe com ele o acentuado modismo e desorientação. Modismo porque presente nas reformas educacionais empreendidas entre 1968 a 1971 e desorientação porque a interdisciplinaridade anunciava mudanças na educação que evidenciavam a necessidade de construção de um novo paradigma de ciência e conhecimento, além de um novo projeto de educação, de escola e de vida.

Com isso, toda a investigação em torno da interdisciplinaridade revelou que não era possível compreender suas implicações teóricas partindo de um quadro teórico já organizado. A partir dessa constatação, começou-se a buscar epistemologias que explicitassem o abstrato partindo do prático, do real. Paralelamente, buscava-se identificar o perfil do educador portador de uma atitude interdisciplinar em todas as suas afirmações e negações e nas mais diferentes perspectivas. Dessa forma, significativos avanços começavam a traçar as diretrizes de uma nova teoria, a da interdisciplinaridade.

Entretanto, na tentativa de se adequarem a esse processo, muitos educadores passaram a desenvolver indiscriminadamente as práticas intuitivas. É essa característica que predomina neste final de século e início de novo milênio. Sobre isso se destaca que:

O número de projetos educacionais que se intitulam interdisciplinares vem aumentando no Brasil, numa progressão geométrica, seja em instituições públicas ou privadas, em nível de escola ou de sistema de ensino. Surgem da intuição ou da moda, sem lei, sem regras, sem intenções explícitas, apoiando-se numa literatura provisoriamente difundida. (FAZENDA, 1994, p. 34).

De toda polêmica e confusão que caracterizou o movimento da interdisciplinaridade no Brasil, conclui-se que atualmente, mais do que na década de 1970, o aspecto conceitual é fundamental na abordagem de qualquer ação autenticamente interdisciplinar. A indefinição e, até mesmo, a definição deturpada faz com que a interdisciplinaridade seja apenas pronunciada e a maioria dos educadores sentem-se perplexos frente à possibilidade de sua implementação na educação, traduzindo essa perplexidade na tentativa da construção de novos projetos para o ensino. Entretanto, percebe-se na maioria desses projetos a marca da insegurança.

Para Fazenda (1999), “a interdisciplinaridade nomeia um encontro que pode ocorrer entre seres – *inter* – num certo fazer – *dade* – a partir da direcionalidade da consciência, pretendendo compreender o objeto, com ele relacionar-se, comunicar-se”. Logo, a interdisciplinaridade caracteriza-se pela ausência de um significado único, possuindo diferentes interpretações, mas em todas elas está presente uma nova atitude em busca da unidade do pensamento. Tal atitude baseia-se no reconhecimento da provisoriedade² do conhecimento, no ato de se questionar constantemente sobre as próprias posições assumidas e dos procedimentos adotados, no respeito à individualidade e na abertura à investigação em busca da totalidade do conhecimento.

Nesse sentido, entende-se que interdisciplinaridade é uma atitude, isto é, uma externalização de uma visão individual de mundo que, no caso, é holística. Sobre essas considerações temos que:

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida. (FAZENDA, 1994, p. 82).

Além de evidenciar uma mudança de atitude frente ao conhecimento, a interdisciplinaridade estrutura-se no que Fazenda (1994) chamou de fundamentos, que são: movimento dialético, memória, parceria, perfil de uma sala de aula interdisciplinar,

pressupostos do desenvolvimento de um projeto interdisciplinar e pesquisas interdisciplinares.

Mas para que todos esses fundamentos possam ser vivenciados é preciso que se focalize os sujeitos das ações, pois a interdisciplinaridade vai do intrapessoal para o interpessoal. Dessa forma, me parece coerente e de grande valia a análise do perfil dos educadores (gestores e professores) correlacionando com o que chamamos de atitude interdisciplinar, juntamente com os aspectos presentes na gestão da escola que dificultam e até mesmo impossibilitam a realização de um projeto autenticamente interdisciplinar. Neste ponto, é importantíssimo refletir primeiramente sobre o papéis que devem assumir os gestores educacionais e também professores além da própria instituição de ensino no Sistema Educacional. Partindo dessa reflexão, encontra-se, também, muito presentes no cotidiano das escolas, questões como as de mau relacionamento entre os indivíduos que fazem parte da cultura escolar. Atitudes que confrontam diretamente a existência de uma ação interdisciplinar.

Posteriormente, partindo da premissa que não há uma teoria geral e absoluta sobre a interdisciplinaridade, proponho traçar algumas direções que norteiam a metodologia interdisciplinar, já que não existe um método estruturalmente concebido para sua prática. Além disso, buscou-se identificar e analisar outros aspectos desafiadores quanto ao trato das questões sobre a interdisciplinaridade. Essa abordagem se fez desde o que se nomeou de equívocos teóricos até os equívocos causados pela implementação da interdisciplinaridade nas bases curriculares.

Para Freitas (1995, p. 92), o termo teoria significa uma atividade que “deve compreender não só a descrição de certo conjunto de fatos mas, também, sua explicação, o descobrimento das Leis a que eles estão subordinados”.

De acordo com essa orientação, em se tratando dos equívocos teóricos encontramos a questão da recentidade teórica da interdisciplinaridade que se configura como problema e impede o alcance de uma teoria estruturalmente madura, acarretando no que se refere à prática docente, em duas categorias de problemas: a primeira indica a dificuldade na explicitação e conseqüente incompreensão do significado antropológico e histórico da interdisciplinaridade, enquanto a segunda está na ausência de um método ou caminho estruturalmente concebido que pudesse simplificar a viabilidade do trabalho ou da ação interdisciplinar.

Com relação à primeira ordem dos problemas, sabe-se que a interdisciplinaridade é categoria de ação e não de conhecimento. Mas ao retirá-la do contexto da teoria do

² Nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. A interdisciplinaridade está marcada por um movimento ininterrupto, criando ou recriando outros pontos para discussão.

conhecimento, ela somente conduzirá a fórmulas mágicas destinadas a recompor o conhecimento fragmentário, como se não fizesse parte do próprio ato de construção do conhecimento e pudesse ser imposta a ele posteriormente. Este impasse toma dimensões maiores ainda, uma vez que se sabe que na instituição de ensino hoje, o conhecimento distribuído na relação conteúdo/método é marcadamente caracterizado por essa fragmentação, pois historicamente, a seleção de conteúdos e a maneira de organizá-los foi resultado de atribuir uma função determinada ao ensino, além de refletir os interesses de classes no que se refere às leis do desenvolvimento social. Sobre esse último assunto destaca-se:

[...] a interdisciplinaridade tem poderosos inimigos representados pelo próprio progresso científico, baseado nas relações que privilegiam a vinculação de determinadas ciências ao processo produtivo, no marco das relações de produção capitalistas e, por outro lado, pela própria evolução das ciências sociais, (FREITAS, 1995, p. 109).

Quanto à segunda ordem dos problemas, o fato é que ainda se ensaia estabelecer relações entre as disciplinas. Esta dificuldade é fruto do próprio processo de construção de cada uma das disciplinas que se constituiu numa mudança sistemática de diferenciação dos pontos de vista sobre o objeto de estudo. Além disso, essa questão vincula-se à objetivação da função da escola que se dá no interior de seu conteúdo/método. Sobre isso, destacam-se dois aspectos cruciais: a ausência do trabalho material³ socialmente útil, como princípio educativo e a pretensa disciplinarização do conhecimento na escola.

A organização do trabalho pedagógico da escola e da sala de aula é desvinculada da prática, porque desvinculada do trabalho material. Portanto, cria umas práticas artificiais, que não é trabalho vivo, socialmente útil. É a existência do trabalho material que garante a indissolubilidade entre teoria e prática social e exige interdisciplinaridade. Já a pretensa disciplinarização do conhecimento na escola, muitas das defesas de modelos de organização dos conteúdos por disciplinas estruturam-se na facilidade de se mover no marco restrito da matéria, além de relacionarem-se com a defesa da coerência interna das disciplinas e também com as características do conhecimento das pessoas e com sua aquisição.

Por último, procurei identificar equívocos causados pela implementação da interdisciplinaridade nas bases curriculares, de maneira que a análise se fez inicialmente na questão da seleção dos conteúdos escolares que caracterizam o sistema educacional cuja função básica não está ligada à formação, mas à produtividade, voltada para a excessiva especialização e ao comportamento rotineiro e obediente do trabalho. Outra questão abordada

³ Por *trabalho material* entende-se trabalho com valor social, onde a prática reflete-se na forma de teoria que é devolvida à prática, num circuito indissociável e interminável de aprimoramento (FREITAS, 1995, p. 101).

diz respeito a exclusiva centralização da escola em seu valor propedêutico cuja conseqüência é que seu objeto de estudo acaba por girar em torno das matérias e das disciplinas. Também, buscou-se analisar o processo de implementação da interdisciplinaridade à época das reformas educacionais da década de 1960, identificando aspectos negativos que hoje levam nos a conclusão, serem responsáveis pelo atraso e empobrecimento escolar. Sobre isso se destaca que:

Em nome da interdisciplinaridade, todo o projeto de uma educação para a cidadania foi alterado, os direitos do aluno/cidadão foram cassados, através da cassação dos ideais educacionais mais nobremente construídos. Em nome de uma integração, esvaziaram-se os cérebros das universidades, as bibliotecas, as pesquisas, enfim, toda a educação, (FAZENDA, 1999, p. 30).

Considerações finais:

Ao longo deste trabalho, foram explicitadas inúmeras dificuldades, dentre elas a questão da incompreensão e atitude interdisciplinar, que por estarem tão presentes no sistema educacional torna a interdisciplinaridade um desafio para a educação. Desafio, pois educar interdisciplinarmente requer mudanças de posturas diante de novas possibilidades, requer superar visões fragmentadas do conhecimento muito mais radicais do que a das fronteiras entre disciplinas, requer disposição de, além de ensinar e aprender um conhecimento, produzir conhecimento.

Também outros desafios encontram-se no trato da interdisciplinaridade, como os que se verificam nas instituições, no papel do administrador escolar que, atrelado às questões burocráticas, esquece seu papel principal, o de gerenciar seres humanos. Desafios quanto à questão de orientar, estimular, melhorar o projeto pedagógico da escola, fortalecer parcerias e de fazer circular o conhecimento que também se projetam na figura do coordenador.

Portanto, diante de tantos desafios, concluo que a interdisciplinaridade será apenas uma medida paliativa que tenta unir o que foi separado por interesses econômicos e ideológicos. Entretanto, longe de desacreditar na interdisciplinaridade no atual quadro de desenvolvimento científico, ela deve ser mais uma bandeira de luta.

Referências Bibliográficas:

FAZENDA, I.C.A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREITAS, L. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. Campinas: Papirus, 1995.